

Angela Maria ENDLICH
Virgilio Manuel P.
BERNARDINO**

Quais são as reações diante de uma língua (na forma oral ou escrita) desconhecida? Na medida em que não é entendida, misturam-se sentimentos de perplexidade e exclusão. Assim, começa-se a perceber que, apesar de usada cotidianamente, não se questiona a linguagem, em seu aspecto ideológico e quão limitadora ela pode ser.

O que pode impedir a compreensão da grafia acima? São signos que, como outros, representam um fenômeno, fato ou objeto. São estes últimos que se desconhecem? Provavelmente não. Os que se desconhecem são os signos utilizados numa forma particularizada de linguagem (língua grega) para representar, traduzindo:

GEOGRAFIA, LINGUAGEM E REPRESENTAÇÃO

Resumo: Este texto traz algumas reflexões acerca da questão da linguagem, visando relacioná-la com a Geografia. Inicia-se com a apresentação de alguns conceitos básicos, para um posterior enfoque histórico que relaciona a produção da vida humana e do conhecimento permeada pela linguagem simbólica. Intenta-se, finalmente, estabelecer relações entre linguagem e espaço geográfico. Considera-se que a linguagem possibilitou aos homens uma série de conquistas históricas mas, ao mesmo tempo, pode ser vista como limitadora na medida em que é uma abstração do real.

Palavras-chave: linguagem, linguagem simbólica, signos, produção da vida, espaço, dominação, liberdade.

Introdução

Este trabalho não tem a pretensão de esgotar esta temática, mesmo porque a mesma pode ter múltiplas abordagens. Apresentam-se alguns pontos considerados essenciais para começo de reflexão sobre este assunto.

Inicia-se este com a definição de alguns conceitos, imprescindíveis para a discussão, conforme já se chamou a atenção acima: língua e linguagem e outros como: linguística, semiótica etc. Se a língua é uma forma particularizada da linguagem, quais são

* Trabalho elaborado para a disciplina Metodologia Científica em Geografia, ministrada pelo professor Elson Savério Sposito, no Curso de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, campus de Presidente Prudente. Obs.: Como o homem que falava javanês, espera-se não encontrar ninguém que conheça a língua grega.

** Mestrandos, Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 13060-900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

os outros tipos de linguagem existentes? São várias as formas que o homem encontra para se comunicar. Algumas destas estão citadas nesta parte do trabalho.

Em seguida, discute-se a linguagem simbólica humana relacionada à produção da vida e do conhecimento humano. Duas obras serviram de referência básica para esta temática: Garcia (1988) e Leontiev (1978), além de outras que se encontram citadas no texto. Esta análise resgata a origem da linguagem e sua importância para o trabalho humano, bem como suas características, que permitiram ao homem acumular conhecimentos.

Para fazer uma relação com a geografia, que ultrapasse o papel da linguagem na produção do conhecimento geográfico, enquanto até uma limitadora, elaborou-se uma parte do trabalho, considerando-se o caráter geopolítico que a língua pode assumir e a leitura que se pode fazer a partir das línguas no espaço global e as relações de dominação e liberdade que estabelecem. A obra que deu suporte a esta foi basicamente a de Souza (1990).

São estes os pontos a que se propõe este trabalho perante uma temática tão ampla e tão importante.

Levando em conta o dicionário filosófico de Abbagnano (1982, p.586), linguagem é um conjunto de sinais cujo uso torna possível a comunicação entre os seres humanos. Procurando explicar a linguagem, o homem busca o conhecimento de algo que lhe é próprio e uma forma de dominar o mundo. Linguagem é também a expressão do pensamento por meio da palavra; pensamento e linguagem interagem, se completam. Segundo Sapir (1971, p.27), "a linguagem é uma roupagem que veste o pensamento", uma estrada que conduz a ele. Os símbolos usados na linguagem são chaves para o conhecimento, para a compreensão do conceito; mas a palavra pode deixar de ser chave; pode também ser um grilhão.

Podemos salientar, nos diversos tipos de linguagem como:

- a cartográfica que se baseia em mapas e suas convenções;
- a matemática e seus símbolos;
- as partituras musicais com suas notas, representando os sons;
- a linguagem da informática com seus ícones e símbolos;
- a linguagem da arte: pintura, escultura, dança, mímica, a moda;
- o código de trânsito e outras.

Para o Grande Dicionário Enciclopédico Brasileiro (1978, p.1410) **Semiótica** "é a arte de dirigir manobras por meio sinais"; Orlandi (1990) informa que mais modernamente, é a ciência que engloba o estudo de todas as formas verbais e não verbais da comunicação. Assim, fazem parte da Semiótica outras linguagens que usam signos específicos para se comunicar como a música, a matemática, a pintura, a escultura, a dança e outras.

A **língua** é idioma, um conjunto organizado de signos lingüísticos. A distinção entre língua e linguagem foi estabelecida por Saussure que definiu a língua como "conjunto de costumes lingüísticos que permitem a um sujeito compreender e fazer-se compreender. (Abbagnano, 1982, p. 586)

Já a **lingüística** é ciência que tem como objeto de estudo a linguagem verbal: oral e escrita. Os sinais que o homem produz quando fala ou escreve são chamados signos.

Com
dib
man
que
(Van
são
socie
A pr
prod
pode
sobr
amb
(198
Ling
mes
tem
Escr
lingu
par
lingu

encontra para
a produção
ca para esta
citadas no
o trabalho
acumular
Linguagem na
se uma parte
a leitura que
e liberdade
90).
temática tão
62. p.586),
entre os seres
de algo que
expressão do
completam.
mento", uma
res para o
e ser chave;

Semiótica
que mais
verbais da
am signos
ra, a dança
A distinção
conjunto
prender.

em verbal:
dos signos.

Com eles o homem se comunica, representa os seus pensamentos, exerce seu poder e elabora a sua cultura. (Orlandi, 1990, p.10)

Em Vanoye, **comunicação** é o ato de comunicar. Um *emissor* que emite uma *mensagem* para um *receptor*. Para isso usa um *código* de conhecimento comum e um *canal* que é a via de circulação da mensagem que trata de algum assunto ou *referente*. (Vanoye, 1986, p. 15)

Segundo Pêcheux, **discurso** é feito de sentido entre os locutores, onde entram, não só as palavras, mas também outros elementos como espaço, tempo, ideologia, situações sociais e históricas que formam o efeito de sentido do discurso. (Orlandi, 1990, p.10)

A produção da vida e do conhecimento humano e a linguagem simbólica

Estabelece-se, aqui, uma reflexão sobre o homem e a forma diferenciada de produção da vida deste em relação aos demais animais. Forma, hoje, tão diferenciada, que pode parecer absurdo tal comparação. Ao analisar a produção da vida, reflete-se também sobre a produção do conhecimento humano e o papel da linguagem simbólica em relação a ambos.

A reflexão aqui proposta está pautada por duas referências básicas, Garcia (1988, p. 49-85) e Leontiev (1978, p. 69-88).

Linguagem simbólica e a produção da vida humana

Garcia (1988) afirma que diferentemente dos animais, que têm suas obras e a si mesmos reconhecidos como naturais, o homem, que pertence também a este mundo natural, tem suas obras reconhecidas como artificiais.

O que diferencia o homem dos outros animais? Seria o espírito, a moral, a liberdade, a inteligência? Ou a soma de todos estes elementos?

Para responder a estas várias questões o autor afirma o seguinte:

(...) a superioridade do homem manifesta-se com o ápice de um processo contínuo de transformações. Também os animais têm a sua moralidade, a sua inteligência ou razão, e não desfrutamos, nós e eles, desta liberdade idealizada, deste livre-arbítrio imaginado. Esta porém, a inteligência, muito superior no homem, embora da mesma natureza, construída sobre o mesmo estofe e com os mesmos elementos constituintes, somada a fatores ambientais específicos, permitiu-lhe desenvolver uma linguagem simbólica, ele apenas entre todas as outras espécies animais, embora estas tenham, também suas formas de comunicação. (p.51)

Garcia ressalta a inteligência humana e a associa à construção de uma linguagem simbólica. Entretanto, os animais também têm sua forma de se comunicar. A partir desta constatação inicia-se uma diferenciação, a princípio complexa, entre a linguagem humana e a animal. Complexa, porque todos os elementos que se colocam como

de distinção. encontram em alguns animais exceções, o que impede afirmar de forma generalizada esta diferenciação.

Assim, um primeiro elemento de distinção seria o simbolismo. Esta seria a característica de representar um fenômeno, objeto ou fato qualquer por um signo culturalmente arbitrado numa representação tão íntima que um e outro acabam por se confundir. Todavia, admite o autor, a linguagem de alguns animais (primatas, abelhas Apis) apresentam um certo simbolismo, mas não de caráter social como a linguagem humana.

Outra distinção estabelecida seria a estrutura flexível e plástica da forma de se comunicar do homem, que contrasta com a linguagem rígida e estereotipada dos animais. A complexidade é um outro elemento de distinção, pois a linguagem humana se desdobra e se multiplica sobre um conjunto de unidades mais simples, variando de acordo com a comunidade lingüística. A linguagem animal seria singela e única.

Um último elemento ressaltado como diferenciador entre as duas formas de linguagem seria o intervalo de tempo entre o estímulo e a resposta. Enquanto o animal dá uma resposta imediata, mais emotiva, o homem demora mais para responder ao estímulo, o que dá à resposta um caráter mais racional. Portanto, a linguagem humana, além de informativa e comunicativa, é reflexiva, pois

(...) provoca análise e especulação sobre características e atributos dos fenômenos que envolvem o homem, leva-o a refletir sobre as particularidades estruturais e funcionais de todas as coisas, propicia a construção do próprio conhecimento, faculta-lhe descobrir a realidade e equacionar o próprio mundo. (Garcia, 1988, p.55)

Ai está, então, a grande diferença entre o homem e os demais animais, como este conseguiu superar-se no decorrer do tempo. Não seria um ou outro elemento o grande definidor desta conquista, mas, novamente usando os termos do próprio autor:

Alguns fatores diferenciais que, isolados talvez não tenham, como dissemos, qualquer função diagnóstica, mas que, somados, explicam a enorme diferença entre a linguagem humana e a comunicação animal, diferença que determina uma posição singular e privilegiada do homem dentro do próprio processo evolutivo. (p.55)

Diferenciada a forma de linguagem humana e colocando-se esta como grande impulsionadora da produção da vida humana em todo o planeta, passa Garcia (1988, p. 56), a buscar o desenvolvimento histórico desta e como a mesma se relaciona com a produção da vida e do conhecimento humano.

Como teria se estruturado e evoluído? Que fatores (ambientais, orgânicos ou sociais) levaram o homem a desenvolver esta linguagem?

Garcia responde a estas questões, voltando à história bastante primitiva do homem, baseado em estudos realizados em fósseis. Assim, ele começa sua explicação pelo momento em que o pré-hominídeo, provavelmente por razões climáticas (fim de glaciação), tornou-se bípede, ampliando seu campo visual, defendendo-se dos predadores. Uma série de alterações biológicas aconteceu a partir de então: as mãos deixaram de servir para apoio, a força mandibular regrediu, assim como a espessura da caixa craniana, possibilitando o aumento, estrutural e funcional, de seu cérebro. Estas alterações biológicas

de forma

seria a

signo

por se

as Apis)

para

na de se

animais

dobra e

o com a

mas de

mal dá

ímulo, o

tem de

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

somam-se a uma vida em comum, onde se dividia o trabalho, a caça era cooperativa. Isso tudo provoca no homem :

(...A necessidade de expressar suas emoções e transmitir suas experiências determinaram, é provável, o desenvolvimento da linguagem simbólica do homem. Esta, permitindo a transmissão do conhecimento de uma geração à outra, tornando-o cumulativo e determinado, assim, o seu incremento e aperfeiçoamento e sua transformação em tecnologia aparta, obviamente, o homem de todas as outras espécies animais. Dessa forma, enquanto desenvolvendo uma tecnologia mais e mais sofisticada, o homem diferencia-se, qualitativamente talvez, das outras espécies animais que, com ele, habitam este planeta. (p.56-7)

Enormes mudanças foram provocadas pelo homem a partir de então, com o uso desta tecnologia, cada vez mais avançada. Diferentemente dos outros seres vivos, o homem consegue, por sua capacidade de enfrentar adversidades ambientais (topográficas, climáticas e outras), transformar em ecúmeno toda a superfície terrestre.

Numa análise mais materialista, Leontiev, não é tão minucioso quanto às características da linguagem simbólica humana em relação à dos animais. Partindo do conceito de trabalho, ele analisa não só a produção da vida e do conhecimento humano, como coloca o trabalho como produtor do próprio homem.

O trabalho, definido por este autor como uma ação sobre a natureza, ligando entre si os participantes, mediatizando a sua comunicação, desde sua origem tem base social e provoca a hominização, nos termos de Leontiev.

A produção consiste na ação humana não só sobre a natureza, mas nas relações entre os homens e é nos limites destas relações que ela acontece. Interfere no psiquismo humano pelas características que detém: caráter social da produção, divisão técnica do trabalho, que consiste numa fase preparatória (intelectual) e de execução.

Resulta, este processo, na formação de um reflexo consciente no homem. Na consciência a imagem do real não se confunde com o próprio real e torna possível a observação de si mesmo. Esta observação e reflexão é que permitem ao homem uma evolução na sua forma de produzir a vida, o conhecimento e, conseqüentemente, a si mesmo.

Na fase de preparação da produção surge o pensamento humano (o conhecimento humano em geral). Este diferencia-se do intelecto dos animais porque só desenvolve-se com a consciência social. A forma concreta que opera a consciência da realidade circundante é a linguagem. Conforme Marx, citado na referida obra de Leontiev, esta é a consciência prática dos homens.

Inseparável da consciência, a linguagem surge, como esta, no trabalho, na produção social da vida. Conforme Leontiev (1978, p. 86). "*O nascimento da linguagem só pode ser compreendido em relação com a necessidade, nascida do trabalho, que os homens sentem de dizer alguma coisa.*"

A ação humana sobre a natureza e a relação entre os próprios homens têm duas funções básicas - a produtiva e a de comunicação. Esta surge a partir de gestos e evolui para a linguagem sonora articulada.

Em resumo, todo esse processo, numa análise marxista, diz respeito em primeiro lugar à apropriação humana das coisas para a satisfação das necessidades e designação destas pela linguagem.

Isso tudo tornou a vida do homem mais artificial. Já que a sua ação sobre o meio supera algumas limitações ambientais, este passa a viver, cada vez mais, num mundo cheio de artificios. A linguagem simbólica somada a estas circunstâncias de produção da vida, fazem com que os homens deixem de herança os conhecimentos adquiridos, as tecnologias conquistadas para as gerações seguintes, o que provoca uma constante mudança na sua forma de produzir a vida e, por conseguinte, na sua forma de produzir o conhecimento e na própria natureza deste conhecimento.

Linguagem simbólica e a produção do conhecimento

Ao refletir-se sobre a produção da vida humana, e por conseguinte sobre surgimento da linguagem simbólica, percebe-se que o conhecimento humano surge em decorrência destas e tem sido acumulado socialmente. Por sua vez, esse conhecimento, tem proporcionado novas formas de produzir a vida que levam a novos conhecimentos, enfim, há um constante renovar no trabalho humano, o que caracteriza o mundo de hoje.

O trabalho que produziu o próprio homem, a linguagem e a vida humana, muda a si próprio. O trabalho muda o próprio trabalho pelo conhecimento que consiste na fase preparatória, intelectual da produção.

Pretende-se, aqui, mostrar como se processa tudo isso. Como os vocábulos passam a representar fatos, objetos e fenômenos, quais as limitações que se escondem atrás disso e como, apesar destas, o homem conseguiu acumular conhecimentos.

Como se atribui a um objeto, fenômeno ou fato um signo? Ou como um signo passa a representar um objeto, fenômeno ou fato? Esta relação entre o significante e o significado é um dos aspectos que mais têm gerado discussão na filosofia, em relação à linguagem. Desde Platão já se colocam quatro formas de estabelecer esta relação, que seriam: convenção, natural, escolha e acaso. Cada uma destas tem defensores na história da filosofia desde então. Esta discussão não será feita aqui, apenas assinala-se para a sua existência. Conforme Garcia (1988), há um processo de condicionamento clássico onde o fenômeno seria o estímulo-incondicionado e a sensação a resposta-incondicionada, o vocábulo seria o estímulo-condicionado e a imagem que ela evoca a resposta-condicionada.

O vocábulo correspondente, no entanto, nos aticia apenas parte dessas sensações, parte abstraída mesmo de todas as nossas experiências anteriores com aquele fenômeno e, também modificada por eventos circunstanciais a ele, o que condiciona o nosso relacionamento afetivo com este fenômeno específico. (p. 59-60)

Não há uma relação direta entre o objeto, fenômeno ou fato e o vocábulo que o designa. Há uma noção ou imagem que faz esta mediação, formando um vínculo poderoso e íntimo entre os mesmos.

Sobre a relação entre o ambiente e a linguagem destaca-se que

dirigir-se para
Essas definições

de conceitos

Afirmado, uma
palavra não se
mas com a
realidade: lingu
significante sã
realidade

fenômeno, lin
linguagem ve
La
generalização
Ressalta este
prisma das sig
V
como determi
condicioname

respeito em
necessidades e

ção sobre o
num mundo
produção da
quiridos, as
e constante
e produzir o

ente sobre
o surge em
mento, tem
entos, enfim,
mana, muda
este na fase

s vocábulos
odem atrás

o um signo
ficante e o
o relação à
lição, que
história da
para a sua
co onde o
cionada, o
ndicionada.

alicia
as as
ambém
mosso

bulo que o
poderoso e

(...) as palavras definem, de certa forma, as propriedades mais significativas e importantes do meio, orientam o enfoque para determinados aspectos e particularidades.

Os membros de diversas comunidades aprendem a conhecer seu meio, através de seus antecedentes por meio de relatos onde aparecem os atributos da sua realidade. **Esses definem para ele o seu mundo:**

(...) onde buscará abrigo e comida, onde encontrará um parceiro sexual e se reproduzirá e onde criará seus filhos. por sua vez, demonstrará verbalmente esta realidade tão particular. Diferenciam-se, pois, as comunidades linguísticas, cada qual com características próprias e exclusivas. esta é concisa e breve, aquela maleável e plástica, uma é precisa e objetiva, outra subjetiva e prolixa (Garcia, 1988, p. 61-2)

A linguagem define a análise e reflexão que se faz do mundo, permite a criação de conceitos para explicá-lo. Acaba, portanto, por definir o próprio conhecimento,

(...) pois conhecer significa também e principalmente, descrever um fenômeno, seja em seus aspectos estruturais, seja em suas características funcionais, além de relatar suas possíveis relações espaciais e/ou temporais com outros fenômenos.(...) mais que um agregado real, constitui um conceito verbal, simbólico pois - a fauna e a flora, os insetos ou os mamíferos, este ou aquele gênero, uma ou outra espécie, as rochas, os astros - não são mais que abstrações sem qualquer equivalente natural preciso. (Garcia, 1988, p. 62)

A relação entre o vocábulo e o fenômeno constitui realmente, conforme já afirmado, um vínculo poderoso. O primeiro passa a representar o segundo. O significado da palavra não se relaciona diretamente com o fenômeno, com a chamada realidade ontológica, mas com a sensação que este provoca em nós. Assim, este é construído com base na realidade lógica que se consegue detectar. Desta forma tanto o significado como o referente vão depender de experiências particulares.

Aponta-se, então, a linguagem como uma dupla barreira para se aproximar da realidade:

(...) primeiro porque a resposta evocada por um vocábulo é diferente daquela aliciada pelo objeto ou pelo evento correspondente; segundo, porque esta resposta a sensação causada pelo fenômeno, é diferente do próprio fenômeno.

Esta dupla barreira pode ser denominada de limitação sensível (de captar o fenômeno, fato, enfim o real) e limitação para representar o que se captou em uma linguagem verbal.

Leontiev (1978) apresenta a linguagem como a forma e o suporte da generalização consciente da realidade. As significações verbais são abstraídas de objeto real. Ressalta este autor, que "a consciência é um reflexo da realidade, refractada através do prisma das significações e dos conceitos linguísticos elaborados socialmente". (p. 88)

Vygostsky (1993), em sua teoria sócio-interacionista, coloca a aprendizagem como determinada socialmente através da interação do sujeito com o meio. Não há condicionamentos e respostas a este, mas uma interação. A interiorização é feita pelo

reflexo do externo sobre o interno, porque o interno não existe *a priori*, contrapõe-se aqui nitidamente ao racionalismo. Em seu processo de construção mental do mundo real, ou seja, a representação deste, a linguagem é imprescindível, pois viabiliza a passagem do real concreto para o real abstrato.

De encontro a Leontiev, afirma Vygotsky (1993) sobre a linguagem e a generalização da realidade:

(...) cada palavra já é uma generalização. A generalização é um ato verbal do pensamento e reflete a realidade de modo bem diverso daquele da sensação e da percepção.(...) significado é um ato do pensamento(...) parte inalienável da palavra e pretende ao domínio da linguagem e do pensamento.(p.4)

Um pensamento não tem equivalente imediato em palavras, a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado. (p 103)

Percebem-se, aqui, as mesmas limitações colocadas por Garcia, quanto à linguagem e a produção do conhecimento, que seriam impostas antes pela sensação e percepção e depois pela representação.

Entretanto, apesar de limitar, foi exatamente a linguagem, conforme já exposto, que permitiu o grande desenvolvimento do homem

Barreira e limitação, sem dúvida, que, no entanto, não nos impediu de transformar a superfície da Terra, de conquistar o espaço, de erigir uma obra monumental, a Ciência e a Filosofia, as Artes, a própria civilização, e que nos fez experimentar uma "liberdade" inédita jamais sonhada pelos nossos ancestrais, ainda que "liberdade" fictícia e ilusória. (Garcia, 1988, p. 64)

Nas ciências humanas, numa análise qualitativa, conforme Martins (1991), a descrição é importante. Ele coloca as ciências humanas como as que tratam do homem, do trabalho e da linguagem. E mais, afirma que:

(...) só haverá Ciência Humana se nos dirigirmos a maneira como os indivíduos ou os grupos representam palavras para si mesmos utilizando suas formas de significados, compõem discursos reais, revelam e ocultam neles o que estão pensando ou dizendo, talvez desconhecido para eles mesmos, mais ou menos o que desejam mas, de qualquer forma, deixam um conjunto de traços verbais daqueles pensamentos que devem ser decifrados e restituídos, tanto quanto possível, na sua vivacidade representativa. (p. 51)

Ressalta-se a importância da linguagem nas ciências humanas, como no caso da geografia, já que os conceitos que a fundamentam são produzidos por descrições, focaliza-se a representação que o homem faz para si mesmo com o sentido das palavras e proposições.

Nas ciências humanas, em função do caráter ideológico que a linguagem pode assumir e levar a uma compreensão, também ideológica do mundo, é que os conceitos lingüísticos devem estar muito bem elaborados. Só assim as ciências humanas e sociais poderão ser desmistificadoras da realidade e proporcionar ao homem não apenas uma

produção diferenciada e evolutiva da vida, mas a compreensão de que esta produção é coletiva e social, e é assim que deve ser a sua apropriação.

A Geografia e o domínio pela linguagem

Com base principalmente na obra Geografia Linguística (Souza, 1990) que aborda a imposição de idiomas oficiais, a fala como ato político e a dominação pela linguagem, verifica-se e comenta-se, no texto a seguir, a importância da língua nas relações de poder entre os povos.

Segundo esse autor, a língua e a linguagem encerram conceitos formados pela experiência de vida de um povo, mas também podem conter idéias que interessem aos que detêm o poder.

A ciência não pode estar ao serviço de minorias, na verdade, conta-se a história da ciência sob a ótica das elites, do mundo desenvolvido e deixa-se de lado a grande maioria dos explorados e oprimidos pelas classes dominantes, sejam eles países ou regiões.

É neste ponto que várias ciências como a lingüística, a antropologia, a história, a sociologia, a geografia, a psicologia e outras, devem unir-se e estudar a possibilidade de estudar as relações entre língua e poder, de modo que cada ser humano tenha a liberdade de expressar os seus sentimentos como quiser.

A lingüística é fundamental na análise do problema, e se relaciona com os interesses do poder: a língua e a linguagem como instrumentos de comunicação, podem servir para dominar politicamente através da cultura; podem isolar classes sociais e impor o poder de modo constitucional.

A linguagem pode ainda, segundo Gnerre, ser usada para impedir a comunicação de informações para grandes setores da população. Desinformada, é mais fácil de manipular. A linguagem presta-se, assim, a jogos de poder, tanto quando fala, como quando cala. É o que afirma Souza (1990, p. 11-2):

(...) a língua e a linguagem são sobretudo uma questão política. Como instrumento de comunicação, ela pode servir à imposição de um domínio político por meio da cultura, ela pode isolar classes sociais e pode perpetuar um poder.

Souza (1990, p.12) cita Mistral dizendo que a questão da língua é tão importante que há quem defenda que a origem das causas separatistas está no idioma, ou que a importância de um país se mede pelo número de falantes da sua língua. Há também quem defenda que "a língua é o mais poderoso instrumento de conquista, porquanto permite impor idéias e valores sem contestação."

Socialmente falando, nenhuma língua é inferior a outra: todas elas cumprem a sua função que é comunicar. O "crioulo", falado na América Central, é resultado da competência lingüística dos seus falantes e não da sua falta de cultura.

A língua é forte elemento de coesão de um povo, de um estado, de um país. Sendo veículo do pensamento, como demonstra Rundle, o emprego de uma língua impõe restrições à capacidade e ao desenvolvimento do pensamento. Os processos mentais dos que falam diferentes línguas são diferentes, em sua estrutura, dos que falam uma língua só. Nesse caso a unidade é maior.

É necessário construir-se uma ciência voltada para as necessidades das pessoas e dos povos do terceiro mundo. Sendo a língua o maior elemento da comunicação é com ela que se conta, prioritariamente, nessa construção. Os geógrafos têm insistido em que é preciso valorizar as diversas línguas e falares, cuja riqueza é manifesta.

Foi a superioridade lingüística que possibilitou em grande parte a colonização de terras africanas, americanas e asiáticas pelos europeus. As línguas impostas pelos colonizadores suplantaram as línguas nativas que não são referidas na história da colonização.

Assim é que a língua umbundo, hoje falada por cerca de 36% dos habitantes de Angola, era antes da ocupação do sul da África por europeus, uma espécie de língua internacional, englobando 15 povos do mundo ovibundo (...): essa língua internacional, jamais reconhecida pelo europeu, foi, no entanto, adquirida ao lado das línguas maternas, sem qualquer tipo de imposição ou conquista e - o que é mais importante - dentro de uma economia de trocas absolutamente comunitária, sem hegemonias econômicas ou culturais. (Souza, 1990, p. 17)

Neste caso não era exercido nenhum domínio através da língua; ela servia apenas para a comunicação e comércio entre os povos, o que não aconteceu com a língua do colonizador imposta como instrumento de dominação.

Ainda hoje o colonialismo europeu continua, mesmo depois da descolonização, caracterizado por dominação econômica e política através de governos fantoches. Apesar da dominação, o substrato lingüístico prevaleceu e os nomes dados pelos nativos a alguns lugares e cidades - na África, por exemplo - continuaram a ser usados, demonstrando a força da sua língua.

A toponímia interessa tanto ao geógrafo quanto ao lingüista, mas, embora seja um poderoso instrumento de documentação e pesquisa, não basta descobrir quem denominou lugares ou neles exerceu influência em determinado idioma, nem mesmo, a não ser como meio, identificar ou classificar grupos lingüísticos.

Contrastando com uma língua universal, excelente como instrumento de comunicação, mas que pode gerar problemas tornando-se instrumento para os mais poderosos ampliarem seus domínios, há a existência de várias línguas de menor número de falantes, o babelismo, que dificultam a comunicação, mas preservam a identidade cultural de seus falantes. O babelismo dificulta as relações internacionais, mas é, paradoxalmente, influenciado pelos meios de comunicação.

Há uma luta de interesses entre os países "ricos" e os dirigentes dos países subdesenvolvidos que querem manter o poder. Os meios de comunicação, colocados a serviço de poderosos, veiculam idéias e argumentos misturados, de várias fontes, o que descaracteriza a cultura e assusta o povo, que não sabe mais em quem acreditar.

Do ponto de vista do colonizador a população nativa não é disciplinada e não é capaz de gerar progresso. Há aí a ideologia de que essa população é atrasada lingüística e culturalmente, ao contrário das nações colonizadoras que se acham possuidoras de uma cultura e uma língua superiores. Até os conceitos de colônia aparecem de forma diferente nos dicionários: enquanto um dicionário francês e outro inglês definem "colônia" como grupo de pessoas que se estabelece em outro país, o Aurélio define como região, possessão ou domínio. Só um autor, Pongeti Júnior, define colonização como "exploração de uma região por povos de outra, mais forte e poderosa".

das pessoas e
ção é com ela
ido em que é

a colonização
mpostas pelos
a história da

por cerca de
da África por
povos do mundo
do europeu, foi,
qualquer tipo de
e uma economia
econômicas ou

ua; ela servia
com a língua

descolonização,
oches. Apesar
tivos a alguns
monstrando a

s, embora seja
descobrir quem
mesmo, a não

strumento de
para os mais
por número de
de cultural de
bradoxalmente,

es dos países
, colocados a
fontes, o que

linada e não é
a linguística e
gloras de uma
uma diferente
plônia" como
ão, possuem
ração de uma

Como se percebe, a ideologia está presente até nos dicionários, que se consideram neutros. Em expressões ainda hoje em uso como "abacaxi", "preço de banana", "negócio da China", se acha o desdém, o pouco apreço e a facilidade de negócios rendosos imposta do povo da terra.

O problema maior trazido pela colonização, em termos de língua imposta, e a descharacterização da cultura nativa e das suas raízes; outro problema são as fronteiras artificiais, dividindo povos com a mesma origem cultural e linguística como aconteceu na África. Cria-se uma babel onde o povo é obrigado a falar o que não entende e impedido de falar o que é entendido. Assim divididos, os povos ficam privados de sua identidade cultural, tornando-se mais fáceis de dominar. Segundo a ótica do colonizador...

(...) um país que não pode ser uma nação, pois isto a tornaria infinitamente mais forte e ameaçadora a seus interesses. Um idioma nativo não pode ser um fator de identidade nacional, pois isto desestruturaria o quadro político artificializado, criado para dividir e enfraquecer, fortalecendo os interesses imperialistas internacionais. (Pongeti Júnior, ano?, p. 33)

Ao contrário do continente africano e americano, no bloco socialista, embora tivesse grande pressão na difusão da ideologia comunista, não houve a imposição da língua russa. Os países satélites conservaram as suas línguas, por isso não houve a integração espontânea esperada e os conflitos foram inevitáveis.

Os "territórios étnicos" criados por Lênin, eram zonas onde se concentrava a maior parte de uma etnia; esses territórios não coincidiam com as fronteiras das repúblicas federadas e o critério fundamental para a sua formação era linguístico. O poder centralizador, muito forte, procurava assim enfraquecer os nacionalismos o que veio a fortalecer as línguas.

Já na Suíça, país dividido em cantões, são faladas pelo menos três línguas oficiais, o alemão falado pela maioria, o francês e o italiano. Há, entretanto, interesses culturais e econômicos que impelem o cidadão ao aprendizado de duas das três línguas nacionais. Na Bélgica também existem várias línguas, sendo duas oficiais: o francês e o neerlandês. Os neerlandeses sentem-se prejudicados uma vez que a população dá preferência ao francês por ser uma língua de maior prestígio internacional. O Canadá é bilingue, as línguas oficiais são o francês e o inglês. Esta última predomina territorial e numericamente, além de possuir o prestígio de ser o idioma da rainha. As línguas indígenas não são reconhecidas.

Ao contrário desses exemplos de coexistência de diversas línguas em um mesmo país, em outros casos é causa e efeito de unificação nacional. Em algumas situações serviu para aglutinar populações, em outras foi imposta em nome da unificação. Em quaisquer casos o idioma adotado é aquele falado pelos grupos que detêm o poder e organizam o processo de unificação nacional. Na Espanha foi adotado o espanhol, embora haja outras línguas como o basco e o catalão. Em Portugal, a língua portuguesa foi um fator importante para a restauração da sua independência da Espanha no século XVII.

Na Itália, dividida em um sem-número de reinos e ducados, cada um deles falava um dialeto, oriundo do latim. A unificação do Estado italiano, na segunda metade do século XIX, deu-se em torno do dialeto florentino, escolhido pelo seu prestígio literário - era a língua de Dante, orgulho de todos os habitantes da península.

Em França foi o "Ílle de France", língua literária cultivada por nobres e literatos que se impôs como língua oficial do país embora não fosse a mais falada. A Polônia, várias vezes ocupada por outros países vizinhos, conseguiu sempre conservar a sua unidade e a sua língua. A língua alemã, derivada do falar dos antigos germanos, foi um poderoso instrumento na unificação dos estados alemães. Ritter destacava esse fato em suas aulas na universidade apontando-o como elemento essencial para a unidade alemã.

Em relação às Américas, as línguas dos colonizadores também exerceram um papel importante no domínio e na unidade dos povos: na unidade dos países em torno de uma língua só, como é o caso dos Estados Unidos e do Brasil, por exemplo.

Embora a colonização da América do Norte tenha sido diferente da do Brasil, não levou em conta as populações nativas, suas culturas e línguas. As línguas nativas nunca foram consideradas nem antes nem depois da independência dos países. Motivos como a unificação e a comunicação internacional foram a desculpa para a adoção de uma língua estranha às populações locais nas colônias de povoamento e também nas de exploração.

Pode também acontecer o absurdo de um país obter a sua independência tendo uma língua que, além de não ser nativa, não é a da maioria. Não faltam exemplos: o Paraguai, cuja língua oficial é o castelhano, mas a maioria fala guarani; o Peru, onde a maior parte da população fala quíchua, mas o idioma oficial é também o castelhano ou espanhol; a Índia é outro exemplo de imposição linguística, embora existam dezenas de línguas, o governo força o aprendizado do hindi, que é o idioma da classe dominante.

A língua pode unir e também desunir. O povo basco fala uma língua de origem celta, não romana, e essa diferença linguística e cultural ameaça a unidade nacional da Espanha onde esse povo é mais numeroso que na França.

No Brasil não há proteção nem reconhecimento das línguas nativas que desde o período colonial são consideradas línguas de pagãos, difíceis de entender. Porém, no Romantismo houve uma valorização do Tupi como língua nacional. José de Alencar e Gonçalves Dias foram os seus maiores cultores na literatura brasileira, difundindo o "mito do bom selvagem", o princípio fundamental de Rousseau (O homem nasce puro, a sociedade é que o corrói). Porém, o nativo era visto sob a ótica do colonizador, sendo-lhe atribuídas qualidades e virtudes características dos europeus.

A língua portuguesa, idioma oficial do Brasil, é a língua do colonizador português que desde o século XVI servia para a comunicação com as autoridades governamentais. Desconhece-se quantos eram os indígenas ao tempo do descobrimento e qual a quantidade de grupos linguísticos existentes; quando se fizeram estudos a respeito desse problema, muitas tribos já haviam desaparecido. Ainda hoje não se sabe exatamente o número de línguas existentes, mas há a certeza de serem mais de cem.

Para o colonizador português, a fala dos índios era incompreensível; para os jesuítas, era uma linguagem pagã, sem valor para se comunicar com Deus; para as autoridades só valia a língua portuguesa.

Nunca houve qualquer conhecimento ou referência na legislação a respeito das línguas indígenas e o Código Civil Brasileiro de 1962 declara os silvícolas incapazes e sujeitos ao regime tutelar. Notam-se aqui três violentos preconceitos: a incapacidade do silvícola, a sua não integração na civilização e a oposição entre sociedade nacional e sociedade indígena, devendo esta se adaptar.

O indígena deve submeter-se às exigências da sociedade dominante se quiser libertar-se da sua condição de tutelado. Entre as imposições, está a linguística. Assim é que o Decreto nº 5484 de 1928, confirmado pelo chamado 'Estatuto do Índio' (lei nº 5371 de 1967) estabelece que a condição de tutelado pode cessar para o índio que completar 21 anos, desde que atendidas diversas exigências enumeradas: a primeira delas é a alfabetização em língua portuguesa. (Souza. 1990. p. 68)

A análise dos artigos 231 e 232 da Constituição mostra ainda que existem, nos dias de hoje, muitas marcas de discriminação. Em toda a Constituição do nosso país há muitos artigos que se referem ao povo verdadeiramente dono destas terras, não para considerá-lo incapaz e apontar as suas obrigações. Assegura-lhe o direito em sua língua materna, mas não o exclui da obrigatoriedade do uso da língua portuguesa.

Assim, a língua portuguesa esteve a serviço da colonização no Brasil. Sendo imposta pelo colonizador, ela tem em si conceitos ou expressões a serviço desse processo. Muitas palavras incorporadas ao falar de cada dia de forma natural e muitas vezes não relacionadas à sua origem colonizadora, o que não é exclusivo do Brasil. Desta maneira, existem conceitos depreciativos, de inferioridade, que vêm embutidos em expressões ou palavras como selva, selvagem, índio, trópicos, zona tórrida e outras.

Essa relação entre colonizador e colonizado, no que toca à língua, continua nos dias de hoje no nosso país, em outro contexto, com o aumento de terminologias de origem inglesa em detrimento dos neologismos da língua nacional, cuja causa é o desenvolvimento acelerado de comunicação de massa.

Considerações finais

Este trabalho não pretendeu esgotar a temática proposta. Após as várias leituras e discussões percebeu-se que há várias maneiras de abordar este assunto. O objetivo maior foi discutir o papel da linguagem simbólica na produção da vida e do conhecimento humano, principalmente na elaboração de conceitos e, também, focar a linguagem como instrumento de poder.

A linguagem é o grande veículo do conhecimento e o meio pelo qual o homem se comunica, constrói a sua cultura e exerce o seu poder sobre o espaço que ocupa e sobre os outros homens. A capacidade de comunicação através da linguagem simbólica é o que diferencia o homem dos outros animais.

Através da linguagem o homem conquista o seu espaço, transforma a superfície da Terra, constrói e produz cultura e conhecimento, e alcança o sentimento de liberdade. Porém, o que traz liberdade, conhecimento e compreensão de conceitos, pode trazer também privação de liberdade, ser um elemento de domínio do homem sobre o homem.

A língua, forma particular da linguagem, composta de signos organizados formando um código, tem uma grande força na cultura dos povos e na unidade de estados e nações.

Assim, a linguagem (e na sua forma particular, a língua) é um fator preponderante de domínio exercido por sociedades supostamente superiores sobre grupos humanos de cultura diferente, destruindo as suas raízes. As relações de poder entre colonizadores e colonizados

foram baseadas na imposição da cultura e da língua do colonizador que submeteu, assim, seus conceitos e costumes, os povos que lhe interessava dominar. Esse domínio não se restringe ao passado. No Brasil, presentemente as nações indígenas são submetidas a uma língua e uma cultura, obrigadas a uma aculturação para que possam sobreviver.

O homem, cada vez mais, produz de forma diferenciada sua vida. Cria um mundo cada vez mais artificial e cheio de signos. Hoje, vive-se a era da informação (não feticizando para parte e não para toda a sociedade), e o homem vive mais em contato com imagens e símbolos do que com o real. Ou as imagens e símbolos passam a ser realidade?

Surgem, então, teorias como a semiologia do espaço, da arquitetura e outras que se voltam para estes signos e tentam desvendá-los. Neste caso, a linguagem deixa de ser apenas um instrumento de análise e torna-se o principal foco. Isto apenas comprova o que se afirmou desde a introdução: a linguagem constitui um tema cada vez mais importante para a ciência, enfocada de múltiplas formas e tendências, das quais, este texto é uma pequena parcela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ECO, Umberto. **As formas do conteúdo**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FERRARA, Lucrécia d'Alessio. *Um olhar entre vizinhos - espaço social: linguagem e interpretação*. Espaço e Debates, São Paulo, n.29, p.32-41, 1990.
- GARCIA, Francisco Luiz. **Introdução crítica ao conhecimento**. Campinas: Papyrus, 1988 p. 49-85
- GRANDE dicionário enciclopédico brasileiro. São Paulo: A. Lopes, 1978. p. 1410
- LANGACKER, R. W.. **A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos lingüísticos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 45 - 50.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978. p. 69-88.
- MARTINS, Joel. *A pesquisa qualitativa*. In: FAZENDA, I (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1991. p. 49-58
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é Lingüística**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PEREIRA, Isidro. **Dicionário grego-português e português-grego**. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1965.
- SAPIR, Edward. **A linguagem: introdução ao estudo da fala**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.
- SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1982.
- SOUZA, Álvaro José de. **Geografia lingüística: dominação e liberdade**. São Paulo: Contexto, 1990.
- VANOYE, Francis. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p. 15-8
- VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.